

# SALAMANCADA

Opinião dos poderes publicos e do Syndicato ácerca da avalanche de meetings



*Deixal-os fallal-os que elles calarão-se. . . e  
a gente arranjará-se*



AS FARPAS

Ao fim de alguns mezes de descanso, as *Farpas* vieram de novo occupar o seu logar de honra na vanguarda dos que combatem pelas boas ideias. Como todas as organizações energicas que no repouso se enchem de novas forças, as *Farpas* appareceram-nos agora mais vigorosas e robustas do que em tempo. O numero que abre a nova colleccão é dos escriptos mais valentes e sensatos que tem produzido a penna de Ramalho Ortigão.

Na syynthese do estado do nosso paiz, estão compendia-  
das todas as causas da sua decadencia e analysadas com inex-  
cedivel rectidão de consciencia e o mais elevado criterio. Como  
homenagem ao reaparecimento das *Farpas*, pedimos licença ao  
seu illustre escriptor que já ha bastante tempo nos honrou com  
a sua valiosa collaboraço para transcrevermos alguns escri-  
ptos, sentindo não podermos fazer mais larga transcripção.



.....  
Passemos à política.

N'este campo não ha ideia propriamente nacional, — é evidente.

Perdendo a pouco e pouco a consciencia da sua tradiçào historica, Portugal, politicamente, não tem hoje papel na civilisação. Está desempregado. Figura no congresso das nações europeias como um paiz sem modo de vida. Perante o progresso não tem profissào.



Os diferentes partidos que ha muitos annos se succedem no exercicio do poder tem por chefes dois ou tres individuos, cujas personalidades, absolutamente destituidas de ideias correlativas ou concomitantes, representam as duas ou tres phases por que successivamente vae passando e repassando em circulo sobre o mesmo carreira a rotação governativa.

Os personagens aludidos têm as intenções mais puras e mais honestas d'este mundo. Ter outras, desonestas e impuras, dar-lhes-hia mássada, e para abi é que elles não vão.

Diz-se também que são todos mais ou menos fortes n'essa arte, velha e atrasada. Que se chama a eloquencia e que tem por objecto desfazer pela exaggeração artificial das palavras a justa proporção das coisas.

São ainda — afirma-se geralmente — habeis parlamentareia, o que quer dizer que possuem o talento de dominar as assembleias por meio de transigências recíprocas e de concessões mútuas, rasoiando os parlamentos pelo nível de uma mediocridade discreta, tão ócca como esteril.

Por baixo d'essas virtudes, que reconhecemos e veneramos, os homens que ha vinte annos se revezam no governo carecem das ideias geraes de que procede na sciencia o ponto de vista governativo. As assembleias das duas camaras, revezando-se ora para a direita ora para a esquerda, dão ou retiram a maioria dos votos a cada um d'aquelles senhores consagrando-se exclusivamente a defendel-os ou a impugnal-os, sem portanto sahirem nunca da orbita dos principios que elles representam, principios a que não correspondem systemas diversos e que se distinguem apenas uns dos outros pelos signaes phisionomicos dos estadistas que os teem no ventre, podendo-se dividir assim : principios governativos calvos, principios governativos d'olhos tortos e principios de cabellos de fingidos.



Reunidas as camaras e aberto perante ellas o orçamento do Estado, começa-se invariavelmente por constatar, n'um tremolo elegiaco de symphonia funebre, que continua a existir o deficit. Cada um dos trez governos a quem a corôa alternadamente adjudica a mamadeira do systema encarrega-se de explicar aos tachigraphos essa occorrença— aliás desagradavel, cumpre dizel-o— mas de que elle, governo em exercicio, não tem a culpa. A responsabilidade cabe ao governo transacto, bem conhecido pelos seus esbanjamentos e pela sua incuria.

Para cada um d'esses trez governos successivamente encarregados de trazerem o deficit ao regaço da representação nacional, o governo que immediatamente o precedeu n'esse mesmo encargo é o ultimo dos imbecis.

Tal é o conceito formidável em que cada um dos referidos trez governos tem os outros dois.

A corôa pela sua parte—é este o mais augusto de todos os seus privilégios—é successivamente da opinião de todos os tres ministerios; e depois de haver retirado, com sincero nojo, a sua confiança aos imbecis do grupo n.º 1, n.º 2 e n.º 3, a corôa torna a restituir a citada confiança, com uma effusão de jubilo tão sincero como o nojo anterior, a cada um dos grupos de imbecis já referidos mas collocados chronologicamente em sentido inverso d'aquelle em que estavam, ou sejam, por sua ordem, os imbecis n.º 3, n.º 2 e n.º 1.

Trocadas as descomposturas preliminares sobre a questão da fazenda, decide-se que é indispensavel, *ainda mais uma vez* recorrer ao credito, e faz-se um novo emprestimo. No anno seguinte averigua-se por calculos cheios de engenho arithmetico que para pagar os encargos do emprestimo do anno anterior não ha outro remedio senão recorrer *ainda mais uma vez* ao paiz, e cria-se um novo imposto.

Fazem-se empréstimos para supprir o imposto, criam-se impostos para pagar os juros dos empréstimos, tornam-se a fazer empréstimos para atalhar os desvios do imposto para o pagamento dos juros, e n'este interessante circulo vicioso, mas ingenuo, o deficit—por uma estranha birra, admissivel n'um ser teimoso, mas inexplicavel n'um mero saldo negativo, em uma não existencia, — augmenta sempre atravez das contribuições intermitentes com que se destinam a extinguil-o já o empréstimo contrahido, já o imposto cobrado.

Assim como os alforjes dos antigos pobres das feiras e das extinctas ordens mendicantes, o deficit tem dois sacos, um para deante outro para traz, ambos destinados a receber o vacuo. N'um dos sacos mette-se a divida fluctuante, no outro mette-se a divida consolidada. De quando em quando ha um relampago de jubilo, porque parece por um momento que o alforje do deficit está vasio, isto é, que está sem vacuo dentro : é a divida, que se achava em estado de fluctuação no sacco da frente, que passou no estado de consolidação para o sacco de traz.



A alegria fugaz mas intensa que provém da illusão d'esta gigajoga vale o dinheiro que custa, mas custa sempre alguma coisa, porque de todas as vezes que elles mexem na divida, seja para o que fôr, mesmo para a mudar de sacco, ella cresce.

Pela parte que lhe respeita o paiz espera. O quê? O momento em que pela boa razão de não haver mais coisa que se collecte, porque estará collectado tudo, deixe de haver quem empreste por não haver mais quem pague.

No emtanto o problema de augmentar a riqueza — unico meio de prover aos encargos — é considerado como absolutamente extranho á *questão da fazenda*. E todavia nem toda a gente ignora que a riqueza não augmenta senão pelo desenvolvimento progressivo do trabalho e que este se acha ligado aos progressos da industria.

Ora emquanto á industria... Mas este novo ponto pôde ficar para outra vez. O feliz encyclopedismo das inaptidões do estado proporciona-nos a facilidade de poder comprovar a sua incapacidade com um só facto qualquer, demonstrando que no paiz collocado sob o patrocínio de um tal governo, não pôde dar-se senão uma especie de cohesão politica: — a liga dos governados para o desprezo convicto dos que governam.

### NÃO CAE!

Não cae; firme como a rocha  
Aguenta-se nas tamancas;  
Tem por si os salamancas  
De quem é amigo e pae:  
E tem o Burnay! só este  
Lhe basta a servir d'estaca;  
Ladre-lhe a hydra velhaca,  
Ladre-lhe a Granja; — não cae.

Não cae; porém se caísse  
Vergado ao som das berratas,  
Esta patria das batatas  
Daria em vasa barris!...  
Veríamos (vista horribile!)  
Saindo o mundo dos eixos,  
Saltar o leopardo aos queixos  
D'este orgulhoso paiz.

E' tempo de ter juizo,  
Patria minha; os braços lhe abre;  
Como á nora um bom calabre  
O Fontes preciso é cá.  
Quem ha que se lhe compare?  
Quem tira ás hydras a pelle?...  
— E' todo o heroe ao pé d'elle,  
Heroe de ka ka ra ka.

Devemos-lhe a apothese  
Por tanto e tanto serviço...  
E é preciso cuidar n'isso  
Com todo o esmero e esplendor.  
— Eu cá, cartista dá gemma  
Que p'lo Fontes dou as tripas,  
Concorro com quatro ripas  
Para os arranjos do andor.

Subscrição a favor dos estudantes da Escola Medica para pagamento das custas do processo:

	Transporte....	3\$000
M. Soares Junior.....		400
João Luiz Alcantara.....		400
Carlos Augusto Carneiro Zagallo.....		400
J. A. Batalha Cidraes.....		400
José Cabral Teixeira Coelho.....		400
Jorge de Lucena.....		400
José Carlos Palyart.....		400
Eduardo Augusto Soares d'Oliveira.....		400
Eduardo Fernandes d'Araujo.....		400

3\$900

### TRIBUTO DE GRATIDÃO

O barão do Pote das Almas não se esquece de nós; devemos-lhe essa fineza. Elle já não governa na Parreirinha, não nos pôde mandar aguentar *directamente*, mas pelas *vias indirectas*, faz quanto lhe é possível para nos encher de gloria e de piolho na cadeia. Elle é incansavel em activar alguns processos que nos pendem sobre as nossas cabeças; elle é mais diligente que uma mulher de capote e lenço no desempenho de altas missões amorosas. Faltariamos portanto ao mais sagrado de todos os deveres, se no fundo da nossa gratidão não encontrássemos um bilhete de visita para enviar ao nosso protector. A gratidão obriga.



### THEATROS

## CONSELHOS RECREIOS

### SINOS DE CORNEVILLE

Um homem que deu a volta ao mundo e trez vezes! que viu circassianas, alsacianas, muitas princezas e italianas só se prendeu n'estes encantos!!!



Demonstrações da memoria de Darvin pelo sr. Poggi.  
Não nos deixa duvidas sobre a verdade das theorias.  
— Assim, assim é que propagar uma idéa.

Se a empreza desse um açoitezinho  
n'este menino. ....?

que não tem as mesmas obrigações scientificas do sr. Poggi.

Resolvendo-se a empreza a corregir este...  
devia tambem dar um açoite n'este...

JOSÉ LUIZ ALMEIDA





## OS SINOS DO SYNDICATO

PARODIA AOS *SINOS DE CORNEVILLE*  
(EM SCENA NO COLISEO DOS RECREIOS)



Estão começando a tocar e Gaspar começando a *malucar*. — Zé Povinho tem assistido a toda a scena dentro da armadura onde o metteram.

**Ti-lin-ti-lin-tão**  
**Nos sinos da Sé**  
**Lá se vae o bago**  
**Do amigo Burnay!**



DEPOIS DA NOSSA ESTAMPA  
SURGE ET AMBULAT



*Zé povinho*—Segui o teu conselho, *levanta-te e caminha*. — Levantei-me da pedra fria e cá estou na *Caminha* quente... do albergue nocturno por conta d'El-Rei nosso senhor



Explicação da charada do numero antecedente :

### ESTE RECRUTA

Travessia em alguns quadros e em algumas quadras, da administração para o governo civil, e do governo civil para a administração, por um refractario gordo e um advogado coxo.

Ao acordar galhofeira  
Na manhã de um bello dia,  
Teve repentinamente  
Uma ideia a monarchia.

Uma ideia luminosa  
Que a fez rebentar de orgulho :  
— Vel-o marchar na parada  
De vinte e quatro de julho.

E dito e feito : — Zaz ! traz !  
Apanhando-o descuidado,  
Vem dois policias civis  
Prendel-o para soldado.

Elle pediu, implorou,  
Elle rojou-se no chão,  
— Que o fizessem outra coisa,  
Porém soldado, que não !

Que o levassem para archeiro,  
Para cabo de policia,  
Guarda nocturno, o diabo,  
Mas nunca para a milicia.

Ninguem porém escutava  
Os brados do infeliz  
E foi á força arrastado  
No meio dos dois civis.

Levado á administração  
Em furiosa carreira,  
Como quem sobe ao patibulo,  
Subiu o triste á craveira.

— Bom corpo para correias !  
Diz um p'ra o outro voltado ;  
E' de uma altura famosa,  
Dá um bom porta-machado.

N'esse instante, o outro volta-se  
E exclama : — Não ha tal ;  
Um corpo d'este tamanho  
Dá mas é um general !

Diz um : E' baixo ; outro : E' alto !  
— E' Macedo ! — E' Nazareth !  
E não conseguem ao certo  
Saber de que altura elle é !

Em fim, de commum accordo,  
Com toda a delicadeza,  
Pegam ambos n'elle ao colo  
E estendem-o sobre a meza.

E após medonhos trabalhos  
Na altura afinal se assenta :  
Méde da cabeça aos pés  
Cinco metros e quarenta.

E prompto ! — Passam-lhe a guia  
Para se ir apresentar.  
Com os signaes bem marcados  
A fim de se não trocar.

Cara redonda, entre os hombros,  
No seu logar competente,  
Bocca e nariz regular,  
E sem defeito apparente.



Com a guia — este recruta  
Vae ao governo civil.  
— Como aquillo agora está.  
Limpo, catita, gentil!

Ao ver todo aquelle aceio,  
Ao ver tudo aquillo agora,  
Logo á porta se conhece  
Que Arrobas já lá não móra.

Ali, porém, o Mentor,  
O seu guia na desgraça,  
A ver se da farda o livra  
Para o seu logar se passa.

E á frente dos inimigos  
Apresenta-se elle s.  
— E' coxo! — Exclamam. E' o mesmo  
Serve para o sol e dó.

E iam deitar-lhe o gatazio,  
La travar-se uma lucta,  
Quando o outro apparece e brada:  
Eu é que sou o recruta!

E' você? pois tire o numero.  
Para ver qual lhe compete.  
Mette a mão, tira uma bóla:  
Sahi-u-lhe o numero sete.

7

Numero sete é fatidico  
Diz o Mentor; bom signal  
Talvez o ceu por você  
Faça um milagre afinal.

Ante a grave medicina  
Começa logo a inspecção:  
— A' ideia de pôr-se nu  
Sente elle um estremeção!

— Despir-me deante d'homens!  
Brada elle com pudor.  
E prega os olbos no chão,  
Sobe-lhe á face o rubor.

— Va lá, dispensamos isso,  
Diz cada medico em solo;  
Para nos não deslumbrarmos  
Ante essas fórmis de Appolo.

— Que defeitos tem? ouçamos;  
Contra o serviço que allega?  
Tem a tenea? doe-lhe o peito?  
Em grandes-pezos não pega?

Vamos lá; de que se queixa?  
De cégo? coxo? zarolho?  
— Não senhor, de vista curta,  
Não vejo senão de um olho!

— Isso não quer dizer nada;  
Vae-lhe o trabalho poupar:  
Quando apontar a espingarda,  
Escusa de outro fechar.

— Mas espere, deixe vér  
Essa barriga tamanha.  
Isso é barriga postiça,  
Chumaço posto por manha!

Se quiz acaso illudir-me  
Eu dou com isso o cavaco!  
— Isto é tudo meu, doutor:  
E' a barriga o meu fraco.

O seu fraco! Então não pôde  
Servir assim d'esta sorte;  
P'ra servir a monarchia  
Deve a barriga ser forte.

Inda se soubesse muzica,  
Alcançaria um logar:  
La p'ra municipal  
Substituir o Gaspar.

Mas assim, de nada serve;  
Tem traçada a sua sina:  
Soldado com tal barriga  
Só pôde servir na China!



# NOSSO SENHOR



Quem tudo rege, ordena e manda é o dono da locanda